

"É preciso lutar contra tudo que é apenas maior em vez de ser melhor":

Anhaia Mello e um futuro alternativo para São Paulo

"You have to fight against everything that is just bigger instead of being better": Anhaia

Mello and an alternative future for São Paulo

Bruno Zorek¹

Resumo: A partir de meados da década de 1950, houve uma importante transformação na representação do futuro de São Paulo: seu crescimento, até então visto com otimismo, passou a ser encarado com pessimismo. Essa transformação foi mediada por um discurso alternativo, que propunha um futuro diferente para São Paulo, segundo o qual a cidade pararia de crescer. Neste artigo, pretende-se discutir a emergência desse discurso, a partir da análise do *lugar-social* de Luís de Anhaia Mello, o personagem que melhor encarnou tal perspectiva. Esse intelectual se encontrava no entrocamento de três universos: o político, o acadêmico e o urbanístico – ocupando uma posição triplamente "dominante-dominada", pois defendia ideias desafiantes em todos esses universos. O principal objetivo é mostrar como Anhaia Mello conseguiu articular seus diversos trunfos, específicos de cada um daqueles universos, em uma proposta de futuro que, embora por um período curto, foi considerada uma possibilidade efetiva para a cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Futuro de São Paulo; Anhaia Mello; História e cidades.

Abstract: From the mid-1950s, there was a major transformation in the representation of the future of São Paulo: its growth, until then seen with optimism, came to be viewed with pessimism. This transformation was mediated by an alternative discourse, which proposed a different future for São Paulo, according to which the city would stop growing. In this article, we intend to discuss the emergence of this discourse, from the analysis of the social place of Luís de Anhaia Mello, the person who best embodied this perspective. This intellectual was found in the entrenchment of three universes: the political, the academic, and the urban-occupying a threefold "dominant-dominated" position, as he advocated defiant ideas in all these universes. The main objective is to show how Anhaia Mello was able to articulate his various trumps, specific to each of those universes, in a future proposal that, although for a short time, was considered an effective possibility for the city of São Paulo. P

Keywords: Future of São Paulo; Anhaia Mello; History and cities.

"É preciso lutar contra tudo que é apenas maior em vez de ser melhor":

Anhaia Mello e um futuro alternativo para São Paulo²

¹ Doutorado em andamento em Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

O lugar-social de Anhaia Mello na São Paulo dos anos 1950

Em 1954, a cidade de São Paulo completou 400 anos. Embora não haja consenso estatístico, simbolicamente foi neste momento que a metrópole ultrapassou a marca de 3 milhões de habitantes, superando a população do Rio de Janeiro e, portanto, tornando-se a cidade mais populosa do Brasil (*O Cruzeiro*: 23/01/1954; Azevedo: 1958; Santos 2009). Dentre as representações mais comuns de São Paulo naquela ocasião estavam a de cidade que mais crescia no mundo, de maior centro industrial da América Latina, de primeira cidade brasileira – imagens que, é preciso frisar, vinham carregadas de adjetivações positivas (*O Cruzeiro*: 23/01/1954; *Folha da Manhã*: 24/01/1954; *O Estado de S. Paulo*: 25/01/1954; Fernandes: 1954; Azevedo: 1958; Arruda: 2001). Ao redor dos 400 anos, a imagem de uma cidade grande, dinâmica, pujante e cheia de vida – reforçada pela ocasião festiva – era veiculada em todo tipo de mídia, a ponto de ser virtualmente impossível para um habitante da cidade não entrar em contato com essa representação. Dentre um universo gigantesco de exemplos possíveis, é interessante recuperar uma fala de Florestan Fernandes, realizada em 1954 – momento em que o sociólogo começava a se destacar como um pensador de relevância nacional e estabelecia as bases do grupo que mais tarde ficou conhecido como "Escola Sociológica Paulista" (Garcia: 2002):

[São Paulo] tornou-se uma *cidade grande*, dotada de uma complicada rede de comunicações e de transportes, de uma extensa área urbana, consideravelmente diferenciada, de um sistema comercial, industrial e bancário altamente complexo e com tendências expansivas, de meios modernos de educação, de assistência e de recreação. Centro de grandes operações financeiras, para ela convergem os capitais do Estado de São Paulo e dela dependem as mais importantes [iniciativas] de desenvolvimento econômico das regiões rurais de várias zonas do país, principalmente nos Estados do Paraná, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Aberta a todas as influências, está em comunicação econômica e cultural contínua com a maioria dos países europeus e americanos, sendo ela própria uma das aglomerações mais cosmopolitas do Brasil e da América Latina. (Fernandes: 1954, p. 187)

Na sequência, chamando a atenção para como isso era encarado pela população

² Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no *VIII Seminário Nacional Sociologia & Política*, realizado em maio de 2017, em Curitiba.

local, Fernandes complementava: "os *paulistas* se envaidecem com tudo isso" (Fernandes: 1954, p. 187). A fala do sociólogo é especialmente interessante porque, além de sintetizar o otimismo dominante na representação do crescimento da cidade naquele momento – otimismo do qual ele compartilhava, embora haja certa ironia em sua descrição do orgulho paulista –, também se inscreve no clímax dessa onda discursiva. O ano do quarto centenário marca tanto o auge da representação positiva do crescimento de São Paulo, quanto o início da ascensão de uma onda pessimista – que, por sinal, vai contagiar o próprio Florestan Fernandes alguns anos adiante.

A visão pessimista do futuro de São Paulo ganha força através da atuação de Luís Ignácio de Anhaia Mello – um urbanista veterano, referência importante nos debates sobre São Paulo e que via com preocupação o crescimento da metrópole. Conforme o urbanista, se continuasse no mesmo passo, São Paulo caminharia para um "verdadeiro suicídio coletivo" (Anhaia Mello: 1950, p. 27). As cifras apresentadas eram alarmantes: "O desequilíbrio do molde populacional já tremendo, se agrava todos os anos. As previsões para o ano de 2.050 são da ordem de 16.000.000 de habitantes para o Estado todo, mas 8.000.000 na Capital !!!" (Anhaia Mello: 1954, p. 14. Grifos originais). Caso nada fosse feito para impedir esse destino, São Paulo se transformaria em uma "necrópolis" – uma cidade gigantesca dominada por "doenças, fome [e] guerra civil" (Anhaia Mello: 1954, p. 34). Para o urbanista: "o problema das grandes metrópoles [era] diminuir a população, e não aumentá-la" (Anhaia Mello: 1954, p. 39) – uma observação que não deixava espaço para dúvidas: "a tese da limitação do crescimento é incontestável" (Anhaia Mello: 1954, p. 14).

Anhaia Mello havia chegado aos anos 1950 como uma figura bastante respeitada nos debates urbanísticos. Esse personagem nasceu em 1891, em São Paulo, no seio uma família de industriais. Seguindo os passos de seu pai, na verdade falecido quando Luís Ignácio ainda era criança, cursou Engenharia e Arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo, formando-se em 1913. Alguns anos adiante, tornou-se professor da Escola Politécnica e passou a se dedicar ao estudo do urbanismo. Começou a escrever e publicar na área na segunda metade da década de 1920 – quando o tema era ainda incipiente no Brasil. A partir de então, foi aos poucos se tornando conhecido como estudioso da questão, tanto por conta de suas publicações – em periódicos especializados de engenharia civil e também em jornais e revistas de circulação ampla –

, quanto pelo significativo esforço de divulgação através de palestras em diversas instituições, normalmente para membros da alta sociedade paulistana.³ Ainda na década de 1920, elegeu-se vereador em São Paulo, por um mandato. Em dezembro de 1930, logo depois da revolução, assumiu a prefeitura da cidade, por indicação do interventor federal João Alberto Lins de Barros. Contudo, quando Barros foi substituído na interventoria, em julho de 1931, Anhaia Mello também foi afastado da posição de prefeito. Trabalhou como uma espécie de "consultor externo para assuntos urbanísticos" da prefeitura de São Paulo durante a administração de Fábio Prado (1934-1938). Já no Estado Novo, Anhaia Mello aceitou se tornar secretário de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, cargo que exerceu de 1937 a 1943. Depois disso, voltou a se dedicar ao ensino universitário e aos estudos de urbanismo, onde já havia acumulado um renome importante. (É relevante lembrar que, naquele momento, as regras que regiam a produção intelectual paulistana eram dependentes, em grande medida, das dinâmicas do campo político – portanto, era comum ter personagens cujo destaque se dava exatamente pelo cruzamento de suas posições em ambos os universos⁴ – Anhaia Mello é justamente um exemplo disso.) Na segunda metade dos anos 1940, foi um dos principais articuladores da fundação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, faculdade da qual foi o primeiro diretor e cujo surgimento implicou a separação institucional na formação de arquitetos e na formação de engenheiros (CPDOC: 2001; Bresciani: 2010, 2014; Duarte: 1976).

Na inauguração da década de 1950, finalmente, com então quase 60 anos de idade, Anhaia Mello era professor na FAU-USP, consolidara-se como o principal nome de uma vertente do urbanismo brasileiro, era membro atuante da Sociedade Amigos da Cidade – instituição que reunia os principais arquitetos e urbanistas de São Paulo –, além de ser um frequente articulista de, dentre outros, o *Boletim do Instituto de Engenharia* e a *Revista de Engenharia* – dois dos periódicos mais importantes para a área do urbanismo (Bresciani: 2010; 2014; Leme: 2001; Feldman: 2005). Anhaia Mello, portanto, encarnava as autoridades de político profissional, de acadêmico e de urbanista/gestor público. Contudo, essas autoridades todas, no caso em questão, tinham

³ Há menções a palestras realizadas, por exemplo, no Rotary Club, sem contar os ambientes especializados como o Instituto de Engenharia, a Escola Politécnica, a Sociedade Amigos da Cidade e, mais tarde, a Faculdade de Arquitetura da USP (Anhaia Mello: 1928, 1945, 1952, 1954).

⁴ Sobre o desenvolvimento do campo intelectual em São Paulo, cf., sobretudo: Miceli: 1995; 2001a; 2001b; 2012; e Pontes: 1998.

uma peculiaridade: Anhaia Mello representava posições "alternativas", sempre deslocadas em relação às tendências dominantes.

A condição de representante de pontos de vista alternativos e que desafiavam as perspectivas hegemônicas era o que fundamentava o *lugar-social*⁵ ocupado por Anhaia Mello. Sua posição lhe permitia articular três perspectivas "dominadas" sobre a cidade de São Paulo, conferindo-lhes uma força que individualmente não teriam. Em primeiro lugar, como político profissional, Anhaia Mello frequentemente esteve na oposição – não uma oposição extrema, mas sim uma razoavelmente comportada, de caráter liberal, que questionava a situação sempre através das regras estabelecidas (e não raro participava do governo de maneira discreta). Em segundo lugar, como acadêmico, foi um dos principais promotores de uma importante ruptura na Escola Politécnica da USP, que, a partir da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 1948, retirou a Arquitetura da alçada dos engenheiros. Embora essa ruptura tenha garantido um lugar central para Anhaia Mello na nova faculdade, proporcionando-lhe também espaço institucional para se firmar como uma das principais referências do urbanismo brasileiro, ao mesmo tempo, acabou lhe afastando da tradicional e poderosa Escola Politécnica⁶ – onde outras vertentes do urbanismo eram cultivadas (Leme: 2001; Meyer: 1991; Ficher: 2005).

Por fim, em terceiro lugar, como arquiteto e urbanista, Anhaia Mello era no fundamental um teórico, pois praticamente não teve oportunidades de experimentar suas ideias em larga escala. Talvez sua grande chance nesse sentido tenha sido seu período como prefeito de São Paulo (na condição de gestor público, mais do que de urbanista), mas Anhaia Mello administrou a cidade por muito pouco tempo (menos de 8 meses) e em meio a uma crise política aguda, provocada pela revolução de 1930 – portanto, não contou com condições favoráveis para aplicar seus princípios. Outra chance teria sido seu período como secretário de Viação e Obras Públicas, porém, ao que tudo indica, as diretrizes da interventoria estadual teriam restringido sua atuação a uma discreta administração da construção de estradas pelo interior do estado de São Paulo – e sem as prerrogativas necessárias para organizar a urbanização de qualquer cidade.

⁵ Sobre o conceito de *lugar-social*, cf. Certeau: 1982.

⁶ A Escola Politécnica, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e a Escola de Medicina eram as três faculdades tradicionais de São Paulo antes da criação de USP, em 1934. A partir de 1934, as três escolas foram incorporadas à universidade, mas continuaram representando os centros mais prestigiosos da nova instituição (Miceli: 2001a).

Essa condição triplamente "dominante-dominada" ganhou força especial durante uma conjuntura específica. O urbanismo hegemônico em São Paulo no início da década de 1950, caracterizado pelo estímulo ao crescimento contínuo da metrópole e preocupado em encontrar soluções pragmáticas para desobstruir e suavizar a expansão da cidade, havia sofrido alguns abalos de ordem política. Durante praticamente todo o Estado Novo, o prefeito de São Paulo fora Francisco Prestes Maia que, assim como Anhaia Mello, era um engenheiro-arquiteto, professor da Escola Politécnica e estudioso do urbanismo. No entanto, Prestes Maia era o principal representante da perspectiva urbanística oposta à defendida por Anhaia Mello. Prestes Maia era o campeão daquele urbanismo que valorizava o crescimento contínuo da cidade – e durante sua prefeitura, promoveu uma série importante de reformas urbanas alinhadas a essa perspectiva (Carpintéro: 1998; Meyer: 1991; Toledo: 1996; Somekh, Campos: 2008). Com o fim da ditadura de Vargas, o tipo de urbanismo representado por Prestes Maia foi relativa e indiretamente estigmatizado como antidemocrático – dentre outros motivos, por conta de ataques de urbanistas como Anhaia Mello, e também por conta das escolhas políticas do próprio Prestes Maia. Em um momento em que louvar os valores democráticos foi uma estratégia razoavelmente frequente de auto-valorização no campo político – uma maneira de distinção em relação ao período ditatorial recém-encerrado –, Prestes Maia acabou "errando" em suas estratégias, ao valorizar determinados aspectos do Estado Novo.

Um exemplo da estigmatização indireta do urbanismo de Prestes Maia como anti-democrático pode ser encontrado em um artigo de Anhaia Mello a respeito de habitação popular. O texto em questão foi publicado em 1950, na revista *Digesto Econômico*. Conforme Anhaia Mello, o ambiente político que havia permitido a formação de cortiços seria um tipo deturpado de democracia e, portanto, implicaria um urbanismo perverso. Indiretamente, Anhaia Mello afirmava que o regime ditatorial varguista, durante o qual Prestes Maia administrou a cidade de São Paulo, teria favorecido a multiplicação de cortiços pela maior parte das cidades brasileiras, e, logo, também em São Paulo – sendo assim, tanto o modelo de governo quanto o tipo de urbanismo associado a ele precisavam ser recusados. Nas palavras do urbanista:

Com razão afirma Hebert Gray que nossa democracia é "democracia de cortiço." / "So long as we have slums – escreve ele em "Housing and Citizenship" – we will continue to

generate a slum type of citizen." / Não há exagero nessa afirmativa porque ninguém ignora a influência da habitação sobre o indivíduo e todos conhecem as miseráveis habitações da maioria das populações urbanas e rurais (Anhaia Mello: 1950, p. 25).

Adiante no mesmo texto, reforçando por inversão lógica a associação entre o urbanismo excludente e a falta de democracia, Anhaia Mello continuava: "O direito a um ambiente adequado para morar é uma das bases da democracia" (Anhaia Mello: 1950, p. 25). Ou ainda, em outro trabalho, em um momento em que Anhaia Mello discutia duas estratégias contrastantes de loteamento, relacionadas a duas tendências diferentes de urbanismo:

Não se deve tolerar em uma democracia de verdade, o planejamento de loteamentos homogêneos – 'high class-low class' – que na realidade são uma forma de consagração oficial de 'social-snobbery'. Nem mesmo a estabilidade atribuída a esses loteamentos é real, e se confirma na prática (Anhaia Mello: 1954, p. 50).

Nos trechos mencionados acima, embora de maneira discreta, Anhaia Mello associava o urbanismo representado por Prestes Maia a práticas políticas ou explicitamente anti-democráticas ou falsamente democráticas e, nesse sentido, alimentava a estigmatização de seu adversário.

Em contraposição, um exemplo das "más" escolhas políticas de Prestes Maia está neste depoimento escrito imediatamente depois de ele ter deixado a prefeitura, em 1945:

Este acervo de concretas realizações comprova dum modo insofismável, no campo do municipalismo, a excelência do regime administrativo e das diretrizes implantadas pelo Presidente Vargas, pois não se conceberia no regime das disputas demagógicas, dos embaraços formalísticos e da incerteza financeira (Prestes Maia: 1945, p. 5).

Neste caso, era o próprio Prestes Maia quem promovia a associação entre seus trabalhos urbanísticos e um governo autoritário e ditatorial – que não precisava, por exemplo, discutir os usos do orçamento da prefeitura com o poder legislativo, possibilitando, portanto, um executivo "formalmente desembaraçado" e com "certezas financeiras".

É importante lembrar também que o próprio Anhaia Mello, como já se chamou a atenção, participou do executivo estadual em São Paulo durante o Estado Novo, dirigindo a Secretaria de Viação e Obras Públicas. Entretanto, o urbanista se esforçava para explicitar seu compromisso com os valores democráticos, tentando associar sua figura pública ao novo período político brasileiro e, ao mesmo tempo, desvinculando-se de sua colaboração com a ditadura. Se comparadas as estratégias políticas de Prestes Maia e Anhaia Mello no final dos anos 1940 e início dos 1950, em resumo, percebe-se que o primeiro se mantinha ideologicamente ligado ao Estado Novo e sofria um certo desgaste por conta disso, enquanto o segundo entrava em uma fase de ascensão, sustentada, dentre outros fatores, pela reciclagem suficientemente bem sucedida de sua imagem política.

De qualquer forma, do ponto de vista do urbanismo, essa movimentação dos principais teóricos da área em São Paulo não significou a perda da hegemonia nas representações da cidade e de seu futuro por parte daquele grupo que apostava na expansão indefinida da metrópole: na verdade, significou simplesmente o estabelecimento de um jogo mais equilibrado. Um outro episódio que reforça esse argumento são os desdobramentos práticos do *Programa de Melhoramentos para São Paulo*, apresentando por Robert Moses à prefeitura da metrópole em 1950 (Moses: 1950). Esse programa, embora com distinções pontuais, pode ser enquadrado no mesmo ramo do urbanismo representado por Prestes Maia (Feldman: 2005). Sua encomenda pela prefeitura é um indício de que a expansão da cidade continuava tendo um forte apelo no campo político, mas os entraves que marcaram sua realização prática e impediram que grande parte do projeto fosse completado são indícios de que forças com interesses opostos a essa concepção de cidade estavam em ação e conseguiam ganhar terreno (Meyer: 1991; Campos: 2002; Leme: 2010).

Além desse relativo enfraquecimento do urbanismo combatido por Anhaia Mello (acompanhado do declínio político de seu principal representante), as dinâmicas de dois outros ambientes favoreceram o fortalecimento dos trunfos de Anhaia Mello nas disputas do urbanismo. Em primeiro lugar, no mundo intelectual, o urbanista vivia o auge de sua carreira, sendo respeitado como uma referência incontornável nos debates sobre a urbanização de São Paulo (Feldman: 2005; Leme: 2001; Bresciani: 2010, 2014; Meyer: 1991). Seu trabalho como publicista ao longo dos anos anteriores, bem como

suas inserções institucionais, lhe garantiam uma posição de liderança entre os teóricos do urbanismo, comparável apenas à posição de Prestes Maia, no pólo oposto das disputas específicas da área. Em segundo lugar, na prática urbanística da metrópole, embora Anhaia Mello não tivesse poder de decisão nem trabalhasse na elaboração do planejamento da cidade, suas ideias se tornaram muito influentes no Departamento de Urbanismo do município, criado em 1947.

Como chama a atenção Sarah Feldman, ao longo da década de 1950, uma série de novas práticas, metodologias e instrumentos urbanísticos foram incorporados pelo Departamento de Urbanismo de São Paulo, modificando os planos de intervenção na cidade de acordo com concepções defendidas por Anhaia Mello (Feldman: 2005). Portanto, as dinâmicas políticas e intelectuais esboçadas acima e a ascendência de Anhaia Mello na formação das novas gerações de arquitetos e urbanistas resultou no fortalecimento de concepções alternativas da cidade e na transformação das práticas estatais de intervenção urbana. Consequentemente, a produção do futuro de São Paulo começou a se esgarçar, sendo reelaborada a partir de dois pontos de vista fortes e concorrentes entre si – em contraste com o período imediatamente anterior, onde apenas uma perspectiva dominava praticamente sem oposição.

Em suma, Anhaia Mello se fortalecia politicamente, exercia uma incontestável liderança intelectual, e via suas ideias serem consideradas nas decisões do principal órgão de planejamento da cidade: o Departamento de Urbanismo da prefeitura de São Paulo. Não bastasse isso, em função das comemorações do *IV Centenário*, multiplicaram-se enormemente os discursos sobre São Paulo, provocando dois efeitos fundamentais: de um lado, consolidou-se, pela repetição exaustiva, uma representação positiva da grandiosidade e do crescimento de São Paulo; de outro, abriu-se espaço para que vozes com autoridade se destacassem em meio a esse mar de discursos, especialmente quando se diferenciavam da ladainha laudatória. Sendo assim, o excesso de discursos produzidos em torno do aniversário da cidade foi mais um dos elementos no processo de potencialização das ideias de Anhaia Mello. Essas ideias, ao ocuparem o primeiro plano dos debates, produziram efeitos disruptivos de longo prazo nas representações hegemônicas sobre a metrópole e seu futuro. Foi a partir dessa disrupção e dos desdobramentos seguintes dos debates, e essa é uma das teses que se sustenta aqui, que um conjunto de perspectivas paralelas sobre São Paulo emergiu e se

consolidou, redefinindo e complexificando a *produção* da cidade, de suas representações e de seu futuro.

Um futuro alternativo para São Paulo

O futuro alternativo que Anhaia Mello⁷ propunha para São Paulo era inspirado em ideias de uma série de arquitetos e urbanistas estrangeiros. Dentre eles, merecem destaque Ebenezer Howard, Patrick Geddes e os fundadores da *Regional Planning Association of America*: Lewis Mumford, Clarence Stein e Henry Wright – sobretudo, e respectivamente, por conta dos conceitos de cidade-jardim, de planejamento regional e de federação de cidades.⁸ Essas ideias, no entanto, eram adaptadas ao contexto local e não necessariamente repetiam *ipsis litteris* aquilo que os autores originais escreveram. Nesse sentido, é interessante recuperar o que o próprio Anhaia Mello dizia sobre os conceitos mencionados. Para começar, segue a sua imagem de como deveriam ser as cidades-jardim:

O módulo humano, em matéria de circulação e ação, é a marcha a pé, na razão de três milhas por hora ou cerca de cinco quilômetros. / Uma caminhada de quinze minutos vence uma distância de 1250 metros. / Um círculo com êsse raio tem área de 490 hectares, que na densidade de população de “cidade-jardim” – 75 pessoas por hectare – pode conter 36.750 pessoas. / Essa população é justamente a que corresponde ao mínimo necessário para que haja vida social perfeitamente desenvolvida, ambiente caracteristicamente urbano, com tôdas as vantagens e estímulo da associação humana e sem os inconvenientes do congestionamento metropolitano. / Êsse é o tipo ideal de organização das funções da vida urbana, pois que elimina o atrito no funcionamento da máquina coletiva. Infelizmente, constitui ainda hoje exceção, porque os

⁷ As principais fontes utilizadas para compor este trecho do artigo são artigos e palestras de Anhaia Mello, publicados entre o final da década de 1940 e meados da década de 1950 – como discutido acima, um momento em que o urbanista ganhou significativa notoriedade pública e intelectual. Dentre esse material, merece destaque uma palestra apresentada para a comunidade acadêmica na Faculdade de Arquitetura da USP, em 8 de novembro (dia mundial do urbanismo) de 1954 – portanto, no contexto dos 400 anos de São Paulo. Esta palestra é o momento em que Anhaia Mello elabora, da maneira mais explícita e radical em toda a sua obra, tanto o futuro ideal que projetava para São Paulo, quanto a distopia que ameaçava a metrópole, além de conclamar seus ouvintes a assumirem uma postura ativa contra o crescimento da cidade.

⁸ De fato, conforme o urbanista britânico Peter Hall, esses três conceitos podem ser encontrados já na obra de Howard, que cronologicamente antecede as demais. Contudo, Geddes, um biólogo escocês, e seus continuadores estadunidenses (Mumford, Stein e Wright) retomaram e aprofundaram as ideias howardianas, dando ênfase especialmente ao planejamento regional e à organização de federações de cidades (Hall: 2011). Além disso, Anhaia Mello associa Howard às cidades-jardim, Geddes ao planejamento regional, e os demais à ideia de federação de cidades.

responsáveis pelos destinos das massas urbanas não abandonam a rotina, o que é cômodo, nem olham para o futuro (Anhaia Mello: 1947, p. 40).

A rápida menção, no trecho citado, ao conceito weberiano de "tipo ideal" não deve ser tomada por um acidente. Embora Anhaia Mello não mencione Max Weber em seus textos, faz questão de demonstrar alguma erudição sociológica, citando, principalmente, sociólogos estadunidenses. Portanto, é de se supor que o uso do conceito no caso, é minimamente informado. Entretanto, existem diferenças importantes que precisam ser destacadas: enquanto, para Weber, o tipo ideal é uma ferramenta heurística, construída para ajudar na compreensão de uma determinada realidade social (Weber: 2008); para Anhaia Mello, tipo ideal é uma projeção desejada daquilo que deveria ser uma cidade. Mais adiante, veremos que o uso específico que o urbanista faz da sociologia geralmente é caracterizado por uma pretensão de intervenção social – ou seja, sociologia não apenas como diagnóstico ou instrumental para compreensão do mundo, mas também como uma das ferramentas para resolver os problemas de uma sociedade. E, talvez, na opinião de Anhaia Mello, o principal problema da sociedade brasileira fosse o tamanho exagerado das grandes cidades – a começar por São Paulo. Nesse sentido, era preciso agir o quanto antes de acordo com alguns princípios. O primeiro e mais importante deles seria:

Limitar, de maneira radical, por meio de legislação oportuna e inteligente, o crescimento das cidades, tanto o crescimento em extensão ou horizontal – pela criação de uma cinta verde rural – como o crescimento vertical – reduzindo drásticamente os gabaritos absurdos permitidos pelos regulamentos de zoneamento hoje vigente, a serviço exclusivo da mais revoltante exploração imobiliária (Anhaia Mello: 1947, p. 40)

Além de limitar o crescimento em extensão, a cinta verde teria mais duas funções: serviria como área de produção de alimentos frescos e, também, como área de recreação, onde os habitantes da cidade-jardim poderiam se exercitar em contato com a natureza (Anhaia Mello: 1947; 1950; 1954). O controle da altura dos edifícios, por sua vez, também teria mais duas funções: deveria garantir a manutenção da densidade populacional em um nível próximo do ideal (75 habitantes por hectare) e, finalmente, facilitaria uma distribuição mais igualitária de luz solar (Anhaia Mello: 1947; 1950; 1954). Para lidar com o problema da exploração imobiliária, na verdade, Anhaia Mello

oferecia uma saída muito mais radical – sobretudo para os ouvidos da elite dirigente paulista da época – do que simplesmente limitar os gabaritos. No intuito de impedir especuladores individuais de tomarem conta dos terrenos, como efetivamente faziam em São Paulo, Anhaia Mello, novamente inspirado em Howard, sugeria: "O dispositivo fundamental é que a terra seja mantida como propriedade pública" (Anhaia Mello: 1954, p. 41. Grifos originais).⁹

Segundo Anhaia Mello, as cidades-jardim deveriam ser configuradas internamente a partir de duas ideias principais. A primeira seria organizar essas cidades em superquadras, conforme o modelo aplicado em Radburn – uma cidade de New Jersey, nos EUA, projetada pelos já mencionados Clarence Stein e Henry Wright (Hall: 2011). A ideia da superquadra era tanto garantir luz solar e a circulação de ar puro para todas os edifícios da cidade-jardim, quanto permitir a convivência pacífica entre habitantes e automóveis, separando as áreas de convivência e recreio (internas às superquadras) das vias de tráfego (Anhaia Mello: 1954). A segunda sugestão – também aplicada em Radburn, conforme as formulações de Clarence Perry, um dos urbanistas que inspiraram Stein e Wright (Hall: 2011) – previa a criação de uma "neighborhood unit", que, nas palavras de Anhaia Mello: "permit[iria] a rearticulação social e comunitária nas urbes" (Anhaia Mello: 1954, p. 38).

O objetivo desta "unidade de vizinhança" seria recuperar um "estilo de vida", focado na comunidade, que teria se perdido por conta dos efeitos sociais negativos provocado pelas metrópoles. Nas grandes cidades, de acordo com o urbanista:

As relações primárias [de família, de vizinhança, de comunidade] foram substituídas pelas secundárias [superficiais, burocráticas, transitórias, rápidas], o que exerce uma influência desintegradora na ordem material e moral, responsável pelo aumento de vícios e crimes nas metrópoles (Anhaia Mello: 1954, p. 45)

Em oposição, para Anhaia Mello: "[Nas cidades-jardim,] os contatos são faceis e a amizade é cultivada. A atitude de um pedestre para com outro, é sempre cordial e amiga; muito diversa da do motorista apressado e... malcriado" (Anhaia Mello: 1954, p.

⁹ Vale notar que, embora enfática no trecho em questão, a proposta de estatização da terra não era uma bandeira constante da militância de Anhaia Mello. Em outros momentos, o urbanista adotava um tom mais conciliador e sugeria soluções mais brandas, como, por exemplo, neste caso: "Não é preciso uma revolução para se resolver o problema da habitação. Dentro das nossas instituições democráticas, utilizando os mecanismos da propriedade privada, respeitando-a e a encorajando, tudo pode ser feito" (Anhaia Mello: 1950, p. 28).

46). Portanto, as cidades-jardim teriam a virtude de romper com aquelas influências desintegradoras das metrópoles, oferecendo, no limite, um novo modelo de sociedade.¹⁰ A chave para a produção desse ambiente amigável e harmônico era organizar as cidades-jardim a partir das mencionadas "neighborhood units". A aposta era a de que a pequena comunidade teria intrinsecamente a capacidade de gerar a harmonia social: "[...] a condição básica de uma evolução da humanidade em qualidade, o cadinho unificador, é o grupo pequeno, ligado, interessado nos seus problemas" (Anhaia Mello: 1954, p. 47. Grifos originais).

Como sugerido alguns parágrafos acima, um dos apoios de Anhaia Mello eram trabalhos de sociólogos que, pelo menos desde Tönnies ou Simmel, por exemplo, estavam preocupados em discutir os efeitos das grandes cidades sobre as relações sociais. Tönnies, no caso, classificou os agrupamentos humanos em dois tipos ideais: as comunidades, "reais e orgânicas", que favoreceriam relações focadas na coletividade e seriam típicas de pequenas aglomerações; e as sociedades, descritas como "mecânicas", que facilitariam o individualismo e a impessoalidade e, por sua vez, seriam características das grandes cidades (Tönnies: 1947). Repetindo o uso particular que fazia do conceito de tipo ideal, Anhaia Mello tomava esse contraste entre sociedades e comunidades, a princípio construído como ferramenta heurística, também como juízo de valor: crítico às grandes cidades e elogioso às pequenas. Nessa esteira, sociólogos como Robert Woods – citado pelo urbanista – estudaram possibilidades de se (re)construir aquele ambiente comunitário em determinadas áreas das grandes cidades, especialmente em bairros em processo de decadência (Woods: 1914). A solução de Woods, retomada por Anhaia Mello, seria justamente trabalhar no reforço dos laços coletivistas dentro da "neighborhood":

¹⁰ Conforme Peter Hall, a ideia de que as cidades-jardim constituiriam um novo modelo de sociedade fazia parte das formulações originais de Ebenezer Howard. Howard estaria propondo um "terceiro" sistema socioeconômico, "superior tanto ao capitalismo vitoriano quanto ao socialismo centralizador e burocrático" (Hall: 2011, p. 111). No entanto, embora faça sentido opor a proposta howardiana ao capitalismo vitoriano de sua época (final do século XIX), parece despropositado e anacrônico colocá-la lado a lado com um "socialismo centralizador e burocrático", que só tomou forma historicamente várias décadas adiante. De qualquer forma, no caso de Anhaia Mello, pode-se encontrar em seus escritos críticas tanto ao capitalismo (embora não mais o vitoriano), quanto ao socialismo. Porém, essas críticas eram pontuais e assistemáticas – diferentes, por exemplo, das críticas que fazia às grandes metrópoles, essas sim constantes e sistematizadas. Ainda assim, pode-se inferir que suas propostas de cidades-jardim eram pensadas como uma forma de superação dos impasses criados pelos sistemas socioeconômicos então dominantes, desde que destacado que sua leitura partia da situação das cidades (especialmente as condições demográficas) e não das características econômicas de ambos os sistemas.

O grande problema, senão o maior, é a revitalização da "vida comunitária". / A "neighborhood", a vizinhança, é a área natural dos contatos primários, que constroem a personalidade. / Aí começa o sentido público, o sentimento social, a ação social. / Ela é – como nota o sociólogo Robert Woods – grande bastante para incluir, em essência, todos os problemas da cidade, estado e nação, e mesmo os grandes problemas internacionais. / Ela é a arena pública vital para homens, mulheres e crianças; aí todos são estadistas. Aí se formam os líderes que vão lutar pela boa administração municipal, dirigir as associações culturais e dar direção humana, equilibrada e honesta á política e ao industrialismo. / O sentimento coletivo, que nelas se forma, não é produto de emoções generalizadas e abstratas, não é um esquema moldado pela imitação – mas é um drama cheio de iniciativa e aventura. / É a forma perfeita de extensão social da personalidade; unidade social de contornos claros e definidos, expressão e reação genuínas do "social mind" (Anhaia Mello: 1945, p. 273).¹¹

Anhaia Mello, portanto, apostava nas "comunidades" como "forma perfeita" de organização humana. Uma série de desenvolvimentos sociais descritos como vantajosos nasceriam desse tipo de estruturação da vida social: pessoas preocupadas com os destinos coletivos e capazes de agir para o bem comum; criação de um sentimento de pertença baseado em experiências concretas, e não em abstrações; surgimento de líderes honestos e competentes, efetivamente preocupados com uma boa administração da coisa pública; etc. Características que, por contraste, estariam cada vez mais ausentes nas grandes cidades e seria desejável que fossem "recuperadas". Portanto, uma visão extremamente otimista a respeito do que seria um futuro em que essa organização das cidades fosse dominante. Ao mesmo tempo, um discurso utópico que beirava as fronteiras ou da ingenuidade ou da demagogia ou da hipocrisia – e que, enfim, por essas vias, acabava municando as críticas de seus oponentes.

Essas descrições, digamos, mais "sociológicas" de Anhaia Mello sobre o tipo de comunidade que as cidades-jardim criariam vinham entremeadas de detalhes de ordem técnica sobre a urbanização ideal desses mesmos espaços. As unidades de vizinhança,

¹¹ Conforme Anhaia Mello, entretanto, o futuro ideal para São Paulo não seria aquele em que os diversos bairros da metrópole seriam reconfigurados para comportar várias "unidades de vizinhança" (solução na qual Woods investia) – embora isso não fosse de todo ruim, dado que a cidade já se encontraria em grau avançado de deterioração das relações comunitárias. O futuro ideal seria aquele em que São Paulo, tal como existia, desapareceria completamente, tornando-se um "cacho" de cidades-jardim, cada uma delas com suas respectivas "unidades de vizinhança" – que, enfim, garantiriam a harmonia da vida comunitária.

por exemplo, deveriam ser planejadas, cada uma "[tendo] a escola como centro natural" (Anhaia Mello: 1945, p. 274).¹² Além disso:

Pequenas áreas devem ser incluídas nas unidades de vizinhança, para acomodar as indústrias domésticas e leves, que devem ser aí localizadas: padarias, garagens de serviço, depósitos de pequenos empreiteiros e similares. / Devem ser localizadas nas proximidades das vias principais que bordejam as unidades de vizinhança. / A concentração das indústrias em "Industrial Estates" ou setores industriais, a uma distância de 15 minutos de bus, apresenta grandes vantagens. / Incluem-se no respe[c]tivo "lay-out" elementos de natureza comunal, social e de assistência: lojas, cantina, centro de comunidade, recreio, centro comercial, enfermaria, assistência de urgência por ambulância. / A área, tratada em conjunto, pode apresentar atrativos e amenidades que contribuem para o bem estar dos trabalhadores e valorização da comunidade em geral (Anhaia Mello: 1954, p. 51).

Esse ambiente ideal, criado e controlado por uma ação racional de planejamento, deveria ser replicado em escala regional ou mesmo nacional: "Si urbanismo é arte de correlação e integração – problema de função, de textura, de economia e síntese estética – só pode ser realmente praticado no plano regional, e na maior das regiões – a Nação" (Anhaia Mello: 1954, p. 2). Esse plano começava pelo rechaço do modelo de cidade mononucleada, como, por exemplo, o adotado em São Paulo: "As atuais cidades, tipo 'cible', ou alvo, mononucleadas, devem ser substituídas por cidades tipo cacho, 'grappe', polinucleadas, reunidas em federação" (Anhaia Mello: 1954, p. 47). Portanto, o urbanismo proposto por Anhaia Mello, seguindo as sugestões de Patrick Geddes, transcendia os limites da cidade individual. Do seu ponto de vista, seria necessário promover uma ampla redistribuição populacional pelos diversos núcleos a serem criados em uma dada região – sendo cada núcleo uma cidade-jardim. Esse conjunto de cidades conformaria uma federação, organizada a partir de um planejamento integrado, que levaria em conta as necessidades de trabalho (incluindo aí produção, distribuição, serviços, etc.), habitação, recreação e circulação de toda a região – e não só de cada

¹² Apesar de a escola aparecer apenas rapidamente na representação de futuro que Anhaia Mello produzia para São Paulo, vale a pena chamar a atenção para o valor da educação para o urbanista. No início de sua carreira, ele defendeu a necessidade de se incluir nos currículos básicos das escolas disciplinas sobre urbanismo (Anhaia Mello: 1928). Essa mesma proposta, anos mais tarde, retornava nas páginas do *Estadão* como uma necessidade urgente para a formação dos estudantes paulistas e brasileiros – o artigo, não assinado, fazia menção a apenas um urbanista brasileiro: o professor da Escola Politécnica e da Faculdade de Arquitetura da USP, Luiz de Anhaia Mello (*O Estado de S. Paulo*: 15/01/1954, p. 5). Sobre o papel de engenheiros, arquitetos e urbanistas na proposição de currículos educacionais, cf. Gomes: 2015.

núcleo individualmente.¹³ O futuro ideal de São Paulo, finalmente, seria aquele em que diversas cidades-jardim, harmonicamente planejadas para funcionarem como um todo e politicamente organizadas em federação, formariam: "[...] em oposição á cacofonia metropolitana, uma **sinfonia regional**, na qual todos os individuos se sentirão felizes e cada um será instrumento de excelência no campo da própria atividade, seja ela qual fôr (Anhaia Mello: 1945, p. 274. Grifos originais).¹⁴

O futuro alternativo de Anhaia Mello na prática de produção da cidade

Embora Anhaia Mello, especialmente em suas primeiras publicações, tivesse defendido o uso de imagens (plantas, desenhos, diagramas) como elementos facilitadores da compreensão do público, foram raras as vezes em que ele fez uso desta estratégia.¹⁵ Diferente de urbanistas como Prestes Maia e Robert Moses, que produziram suas propostas para São Paulo sob encomenda do Estado e as apresentaram fartamente ilustradas, Anhaia Mello nunca contou com esse tipo de patrocínio – e talvez por isso seus trabalhos tenham sido apresentados sem imagens. No entanto, há uma quase exceção, e que diz respeito justamente ao futuro que o urbanista projetava para a maior cidade do Brasil. Como já mencionado, o ano de 1954 foi especialmente prolífico em produção de discursos sobre São Paulo, o que resultou também em algumas iniciativas governamentais. Uma dessas iniciativas foi a criação da Comissão Orientadora do Plano Diretor do Município, pela lei 4.494, de junho de 1954 (*O Estado de S. Paulo*: 16/02/1955, p. 12). Anhaia Mello, que era membro da Comissão, propunha em um de seus textos o tamanho da região que deveria ser transformada em um conglomerado de cidades-jardim:

¹³ Outra referência importante para Anhaia Mello eram as propostas de cidade funcional presentes na Carta de Atenas, do CIAM de 1933. Por isso, as funções: trabalhar, habitar, recrear e circular aparecem como elementos fundantes da organização de suas cidades-jardim. Cf.: Choay: 2010.

¹⁴ Não se pode deixar de notar, no trecho citado de Anhaia Mello, um eco do Marx d'A *ideologia alemã*: "Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de actividade exclusiva é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico" (Marx: 1999, pp. 40-41).

¹⁵ Em uma palestra de 1928, Anhaia Mello dizia, citando um trabalho de Henry Overstreet: "Nesse estudo Overstreet accentúa a vantagem de se mostrar com insistencia ao publico os desenhos, plantas, diagramas, perspectivas, orçamentos dos trabalhos a executar. / «Seeing,» diz elle, «is easier than thinking». Ver é mais facil que pensar. E tem a vantagem de interessar tambem os analphabetos" (Anhaia Mello: 1928, p. 235).

[Um dos pontos da proposta] determina a fixação dos limites da área edificada, não só no município da capital, mas nos outros, dentro do círculo de 100 quilômetros de raio, estabelecendo-se um loteamento rural de área mínima de 20.000 metros quadrados por lote. / Se não se fixar o destino rural da área do cinturão verde, serão inúteis os esforços no sentido de criação de uma zona verde de abastecimento em torno da capital e cidades vizinhas (Anhaia Mello: 1954, p. 17).

Depois de uma reunião da Comissão do Plano Diretor, realizada em fevereiro de 1955, o *Estadão* ilustrou uma das propostas tiradas no encontro, que previa a redistribuição das indústrias do estado em uma área cujo raio era precisamente de 100 km, e exigia uma importante reformulação das políticas urbanas de todos os municípios da região. Conforme a reportagem destacava, a autoria do projeto era de Anhaia Mello. Na reunião, ainda foi definida a criação de um Conselho Estadual de Urbanismo, que teria como propósito supervisionar e ajudar na organização dos diversos planos diretores municipais do estado de São Paulo. Por orientação do projeto de Anhaia Mello, os municípios paulistas que tivessem mais de 40 mil habitantes deveriam elaborar seus planos diretores em um prazo de 5 anos. Além disso, independentemente da população, todos os municípios que estivessem dentro da área definida na imagem, também precisariam elaborar os respectivos planos diretores e, de preferência, articulando-os regionalmente (*O Estado de S. Paulo*: 16/02/1955, p. 12).



O Estado de S. Paulo: 16/02/1955, p. 12

Esse mapa, confeccionado pelo jornal e não por Anhaia Mello, faz eco ao futuro ideal imaginado pelo urbanista para São Paulo, mas, e mais importante do que isso, extrapola aquela imaginação, encaminhando de maneira pragmática a *produção* do futuro da cidade em uma determinada direção. A diferença entre a produção do futuro resultante das ideias elaboradas por Anhaia Mello em primeira mão e a produção do futuro ilustrada pelo mapa é que, na segunda situação, o futuro produzido conta com o aval explícito do Estado, além de ser publicizado nas páginas do jornal. Um passo a mais na produção prática desse futuro foi dado com a aprovação do projeto pela Comissão do Plano Diretor e com a publicação da notícia. Esses dois acontecimentos fizeram com que o futuro em questão fosse inscrito de maneira mais duradoura e convincente no horizonte de expectativas da cidade e, portanto, passasse a poder ser sentido como uma realidade já constituída. A potência que o envolvimento do Estado mobiliza na produção de futuros transforma projetos distantes em presentificações próximas – isto é: o encampamento parcial, por parte do Estado, das ideias de Anhaia Mello transferia essas ideias da dimensão especulativa para o terreno das realizações concretas, ou, para ser mais preciso: para um "quase-aí" que, na prática, podia ser tratado como uma certeza. E mesmo que, depois, um futuro proposto pelo Estado não se realize, isso não impede que, no momento de sua proposição, tal futuro seja experimentado como uma realidade já dada (Koselleck: 2006; Bourdieu: 2007).

O interessante desse recorte de jornal é que ele indica como um futuro foi produzido e experimentado em um presente determinado, sugerindo algumas das certezas e algumas das aberturas contidas nessa experiência. No caso, Anhaia Mello conseguiu encaminhar um futuro que, de início, era quase uma fantasia, de forma que, a partir da mobilização dos enormes capitais estatais, tornou-se uma quase realidade. De qualquer forma, assim como no caso da criação das "unidades de vizinhança" – para as quais Anhaia Mello tinha um projeto ideal, mas, na impossibilidade de realizá-lo, não achava de todo ruim a criação de laços comunitários dentro dos bairros da metrópole –, na impossibilidade de se criar uma verdadeira federação de cidades-jardim, cercadas por cinturões verdes, ao menos que as indústrias fossem redistribuídas e os municípios dessa "região industrial" tivessem planos diretores minimamente adequados para controlar seu desenvolvimento futuro. O processo de negociação que resultou na

aprovação do projeto de Anhaia Mello pela Comissão do Plano Diretor implicou uma série de concessões por parte do urbanista – uma demonstração da realidade complexa e recheada de tensões das estruturas do Estado. Nesse sentido, as decisões da Comissão frustravam a realização do plano ideal proposto por Anhaia Mello, frequentemente apresentado através de uma retórica intransigente: "É um conjunto de medidas que não funciona separadamente. Tudo ou nada" (Anhaia Mello: 1954, p. 19). Entretanto, ao mesmo tempo, o amparo mágico garantido pela autoridade da Comissão (que se valia da autoridade do Estado) inscrevia esse futuro imaginado para São Paulo no horizonte de expectativas da cidade, transformando o que nascera, a princípio, como uma utopia em uma possibilidade real de futuro.

Referências bibliográficas

Anhaia Mello, Luiz de. "Urbanismo". In: *Boletim do Instituto de Engenharia*. São Paulo, n. 42, nov. de 1928.

_____. "A cidade, base material de relações sociais. Sociologia urbana, ecologia humana e o plano de Londres". In: *Revista do Instituto de Engenharia*. São Paulo, ano III, vol. III, n. 30, março de 1945.

_____. "O transporte individual e coletivo na cidade moderna". In: *Digesto Econômico*. São Paulo, vol. VII, nº 29, abril/1947.

_____. "O problema da habitação". In: *Digesto Econômico*. São Paulo, vol. XVI, nº 72, novembro de 1950.

_____. "O Urbanismo... esse desconhecido". In: *Engenharia*. São Paulo, vol. X, nº 114, fevereiro de 1952.

_____. *O Plano Regional de São Paulo. Uma Contribuição da Universidade para o estudo do "Um Código de Ocupação Lícita do Solo"*. Monografia/Palestra – FAU, USP: São Paulo, 1954. (8 de novembro de 1954 – Dia Mundial do Urbanismo.)

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru, SP: Edusc, 2001.

Azevedo, Aroldo (org.). *A cidade de São Paulo: Estudos de geografia urbana*. Cia. Editora Nacional: São Paulo, 1958. v. 1-4.

Bourdieu, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Bresciani, Maria Stella. "Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz I. R. de Anhaia Mello". In: Salgado, Ivone; Bertoni, Angelo (orgs.). *Da construção do*

território ao planejamento das cidades: Competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930). São Carlos: RiMa, 2010.

_____. "As múltiplas linguagens do urbanismo em Luiz de Anhaia Mello: técnica, estética e política". In: Faria, Rodrigo; Cerasoli, Josianne; Lira, Flaviana (orgs.). *Urbanistas e urbanismo no Brasil: Entre trajetórias e biografias*. São Paulo: Alameda, 2014.

Campos, Candido Malta. *Os rumos da cidade: Urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002.

Carpintéro, Mariza Varanda Teixeira. *Em busca da imagem: a cidade e seu figurino (São Paulo 1935-1954)*. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Unicamp: Campinas, 1998.

Certeau, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Choay, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CPDOC [Abreu, A. (dir.)]. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

Duarte, Paulo. *Memórias: Selva oscura*. São Paulo: Hucitec, 1976. vol. III.

Feldman, Sarah. *Planejamento e zoneamento. São Paulo: 1947-1972*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2005.

Fernandes, Florestan. "Caracteres rurais e urbanos na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo". In: Idem. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Global, 2008 [1954].

Ficher, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: Ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Fapesp; Edusp, 2005.

Garcia, Sylvia G. *Destino ímpar: Sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em Sociologia; Editora 34, 2002.

Gomes, Clécia. *Os engenheiros da Associação Brasileira de Educação (ABE): confluências entre as ideias educacionais e urbanas na cidade do Rio de Janeiro nos anos iniciais do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp: Campinas, 2015.

Hall, Peter. *Cidades do amanhã: Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Koselleck, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

Leme, Maria Cristina. "Urbanismo: a formação de um conhecimento e de uma atuação profissional". In: Bresciani, Maria Stella (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

_____. "A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra." In: Lanna, Ana Lúcia; Peixoto, Fernanda; Lira, José Tavares; Sampaio, Maria Ruth (orgs.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

Meyer, Regina Maria Prosperi. *Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 50*. Tese (Doutorado em Arquitetura – FAU, USP: São Paulo, 1991.

Miceli, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Ed. Sumaré, 2001a. vol. I.

_____. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Ed. Sumaré; Fapesp, 1995. vol. II.

_____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001b.

_____. *Vanguardas em retrocesso: Ensaio de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

Moses, Robert. *Programa de Melhoramentos Públicos para a cidade de São Paulo*. Nova York: International Basic Economic Corporation; IBEC Technical Services Corporation, 1950.

O Estado de S. Paulo, 15/01/1954; 25/01/1954; 16/02/1955.

Pontes, Heloísa. *Destinos mistos: Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Prestes Maia, Francisco. *Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.

_____. *Os melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

Santos, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2009.

Somekh, Nádia; Campos, Candido (orgs.). *A cidade que não pode parar. Planos urbanísticos de São Paulo no século XX*. São Paulo: Editora Mackenzie; Mackpesquisa, 2008.

Toledo, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

Tönnies, Ferdinand. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

Weber, Max. *Economía y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

Woods, Robert. "The neighborhood in social reconstruction". In: *American Journal of Sociology*. Vol. 19, n. 5, mar. 1914.